

A LITURGIA POÉTICA DE OLGA DE SÁ

Escrito por:

Juraci de Faria Condé

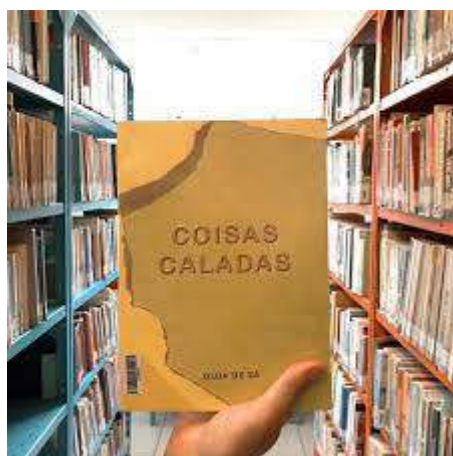
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2011), Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2004), graduação em Matemática pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena (1983) Diretora de Pesquisa e Comunicação do Instituto Malba Tahan.



Imagem de pikisuperstar no Freepik
com adição de fotografia

Das credenciais acadêmicas de Olga de Sá¹, filha de Maria Auxiliadora e uma das fundadoras do Instituto Santa Teresa e da Faculdade Teresa D'Ávila, em Lorena - SP, hoje, Centro Universitário Unifatea, não consta a sua credencial de poeta! Da extensa produção bibliográfica da doutora em Comunicação e Semi-ótica, ao longo de seus 92 anos de vida, temos uma memorável coleção de livros e artigos científicos e, dentre eles, duas obras de poemas de sua autoria: *Coisas Caladas* e *Paisagens da Vida* publicadas, respectivamente, em 2005 e 2019.

Em *Coisas Caladas*, o próprio título justifica por si só a confissão do que, por muito tempo, Olga de Sá sentiu sem revelar nada a ninguém e, na breve apresentação que ela redigiu, assim explicita “aos possíveis leitores” (2005, p. 13): “Ofereço-lhes estes poemas. Sei que não são bons. Sei avaliar um bom poema. Não puderam ser avaliados por ninguém, antes de publicá-los agora. Não vão mesmo ficar na Literatura Universal, nem sequer na Literatura Brasileira! Não será a imortalidade! Por quê? Talvez seja como a mão estendida para dar e receber um toque, dizendo: tudo isto senti, imaginei, sem dizer, quando vivi, como Você.”



A obra organizada em seis tomos - Íntimas: Vivências (30 poemas), Recortes (10 poemas livres), Haicais (6), Circunstâncias (8 poemas), Crenças (14 poemas), Traduções e Paráfrases (4 poemas) – intercala poemas com iluminuras da renomada artista plástica Ir. Helena Marcondes. O prefácio – Voo no horizonte poético de Olga de Sá –, redigido por Beatriz Amaral, revela-nos a riqueza desses versos, apreendida pela leitura primeira desta poeta e crítica literária que nos oferta o fio condutor da poética de Olga de Sá: “busca de transcendência e ultrapassagem do finito” e “reconciliação plena entre ser e mundo” (2005, p. 10 – 11).

O apreço de Olga de Sá por outras formas de arte também se fez

¹ Olga de Sá (1928 – 2020): Doutora em Comunicação E Semiótica, Mestre em Teoria Literária e pós-graduada em Psicologia Clínica. Por muitos anos, foi Diretora Geral das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila. Estudiosa nas áreas de Filosofia, Psicologia e Artes, com ênfase em Literatura, produziu trabalhos, principalmente, sobre os temas: Clarice Lispector, literatura brasileira, crítica literária, cinema, literatura e semiótica, crítica e interpretação, semiótica e religião, literatura e cinema, literatura e psicanálise. Autora de inúmeras obras.

presente na seleção de imagens fotográficas de Denilson Luís dos Santos Moreira em seu outro livro de poesia, *Paisagens da Vida*, dispostas na capa ou intercalando, iluminando e dialogando com os 36 poemas estampados em suas páginas! Raquel de Godoy Retz Pompeo assina o prefácio e, por ter sido agraciada com a amizade e o convívio mais íntimo com sua diretora espiritual, revela-nos que a produção poética de Ir. Olga era uma prática permanente da escritora, presente em diversas “paisagens” de sua vida (2019, p. 4): “Há muitos anos vejo Ir. Olga de Sá escrevendo poesias nos momentos alegres, nos momentos mais sofridos, em tempos de oração e de paz; em ocasiões nada esperadas surgem e o papel recebe preciosidades a que agora temos acesso”.

De fato, o olhar atento da Ir. Olga sobre acontecimentos singelos da vida e, nem por isso, destituídos de beleza, de espanto, de poesia, merece ser trazido à luz, como estes preciosos poemas, publicados em *Coisas Caladas*, ambos sem denominação (2005, p. 60 - 62):

*No cimento da calçada,
pena de pássaro, mínima,
sinal de voo.*

*A palmeira caiu, verticalmente,
altiva e reta,
como viveu.*

Como explana Alfredo Bosi, é no uso das palavras que os homens trançam os fios lógicos e os fios expressivos do olhar: contemplar é olhar religiosamente (com-templum); considerar é olhar com maravilha (com-sidus), respeitar é olhar para trás (ou olhar de novo), tomando-se as devidas distâncias (re-spicio) e admirar é olhar com encanto movendo a alma até a soleira do objeto (ad-mirar). Todas essas modalidades de olhar são praticadas por Olga em seu belo conjunto poético, que olha o mundo como quem dele cuida ou como quem dele “toma conta” (Apud Amaral, in SÁ: 2005, p. 6).

Em sua poesia, Olga de Sá faz uso desses fios todos para tecer a sua palavra, a sua poética, o seu olhar.

Nessas duas obras, para além dos poemas de profunda evocação do sagrado, poesia e arte se entrelaçam e dialogam entre si e com o leitor, levando-nos a contemplar o que, inúmeras vezes, passaria despercebido de nosso olhar; em outros poemas, os versos de Olga de Sá revelam-nos as maravilhas do que ela viu, conduzindo-nos a considerar o nosso olhar desatento para com a natureza, os nossos semelhantes, o Universo. Em muitos deles, os versos conduzem o leitor a olhar de novo para o que ele havia mirado, sem atentar para a beleza e a grandeza do que havia sido antes apreendido. Ao findar a leitura de seus poemas, somos acometidos por um encanto que toma por inteiro a nossa alma, admirados com os sentimentos de espanto e beleza, de metafísica e transcendência de suas palavras, bem como

do encadeamento delas e do poder que elas têm de elevar nossos pés do chão e nos conduzir, magistralmente, para os caminhos do “Artista primeiro”.

A título de exemplo, elegemos o poema CRIAÇÃO (2005, p. 90 - 93) para explicitar como somos conduzidos por Olga de Sá a utilizarmos a poesia como instrumento de oração interior, de encontro com o belo e verdadeiro e, de modo especial, com o outro. Nestes versos, Olga de Sá mostra a trama dos “fios lógicos” e dos “fios expressivos do seu olhar”, tecendo a sua mística literária e a sua poética oração:

Senhor, Artista primeiro,
perdulário semeador das coisas lindas,
que esbanjaste em teus versos,
em teu ínfimo e infinito Universo.
Concede-me ser artífice contigo,
na obra original de tuas mãos.
Ajuda-me também a recriar
a matéria sob formas novas,
enquanto se cumpre a faina da terra
e se esculpe a face do homem,
ser de linguagem, em busca de Ti.
Perdoa-me, Senhor,
por não amassar o pão dos pobres
nem visitar doentes, ou enterrar os mortos.
Eu creio, porém, Senhor
que o belo é bem, é verdade, é verbo,
é pão, é água, é ar, é terra.
O belo és Tu mesmo em tudo,
miolo do ser, riso e prazer.
Tu povoaste de tons e cores,
de sons, volumes e vozes,
tua obra maior.
No barro, na pedra, na argila,
no papel, nas tintas, nas letras,
aprendo a resistência passiva,
que tua mão encontrou,
na aurora da vida.
O trabalho me ensina
a humilde perseverança
do artesão.
Ele me faz palmilhar
a estrada dos homens,
irmãos meus, sofridos,
oprimidos, doloridos,
fazedores do mundo e da História.
Ele me ensina a lição do grão de trigo
que se perde no húmus da terra

e se liberta no granular da espiga.

Em seus quadrantes poéticos, Olga de Sá nos revela seus “horizontes de dentro”, ora um deserto de areias muito claras – sem começo nem fim –, ora um oásis de água cristalina a jorrar ininterruptamente das entranhas de seu ser para presentear os leitores com a viva água de sua poesia! A poetisa coloca sua arte, seus versos, sua vida, a serviço do Altíssimo – “Concede-me ser artífice contigo / na obra magistral de suas mãos”.

Ao final do poema CRIAÇÃO, a apoteose desses versos místicos, a lição do grão de trigo: “Ele me ensina a lição do grão de trigo / que se perde no húmus da terra / e se liberta no granular da espiga.” Foi graças ao “granular da espiga da vida” que temos, hoje, ao alcance de nossas mãos e de nossos olhos, a poesia mística de Olga de Sá que “guarda o mundo e por ele zela com o manto sagrado das palavras”.

Se escreveu poemas a vida inteira, não sabemos, como também não sabemos quando Olga começou a versejar. Sabemos que ousou publicar seus versos depois de ter experienciado as três primeiras estações da vida e, ter adentrado com louvor, o arco final da vida humana.

Talvez Olga de Sá tenha contemplado a curva inteira de sua existência e de sua humanidade – uma vida a serviço de Deus e do outro – e o que ela vislumbrou de sua profícua vida e da vida das pessoas que com ela conviviam, adentrou seu ser, fez morada por um tempo determinado até transmutar-se em poesia...

“Só com a escuridão que a coruja de Minerva inicia seu voo”, nos diz Hegel. Olga de Sá, antes de iniciar seu voo pela poesia mística, assim como seus baluartes espirituais – Santa Teresa D’Ávila e São João da Cruz –, também ela experienciou a solidão do deserto, a “noite escura da alma”.

O silêncio do deserto provoca nossa fala interior, preenche nossos vazios, que são condição de crescimento de Deus, em nós. Sem água, sem vozes humanas, na amplidão das areias infindas, nos tornamos aptos para gerar a vida nas dobras da matéria, de que somos tecidos, nas vísceras do espírito, de que somos plas-mados. O deserto é infinito e fecundo, a despeito de sua aridez. No silêncio sua alma pode voar (SÁ, In FARIA: 2015, p. 11 – 13).

Para essa travessia solitária do silêncio do deserto, a filha de Maria Auxiliadora levou consigo “os fios lógicos e os fios expressivos” de sua poesia, utilizando-se deles como elemento de conexão permanente com o Altíssimo, na tessitura de asas que possibilitaram seu voo, como oração a ser dita na liturgia das horas de seu ofício divino.

A própria Olga de Sá redige uma “Nota” no início do Livro das Horas de Sórora Solitude (2005, p. 99) elucidando o leitor sobre a prática da liturgia das horas adotada pelos consagrados, desde os primórdios da Igreja.

ja Católica e reavivada durante a reforma litúrgica pós-Concílio Vaticano II: "A Liturgia das Horas é o Ofício Divino, rezado nos mosteiros, igrejas e capelas, no louvor a Deus. Inicia-se com as Vigílias, de madrugada, desdobra-se nas Laudes (amanhecer), Terça (manhã plena, 9h), Sexta (meio-dia), Noa (tarde plena, 15h), Vésperas (entardecer), Completas (noite)."

Como bem referendou Beatriz Amaral, no Livro das Horas de Sór Solitude, a autora canta Vigílias, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas (p. 100-108), deixando que seu instrumento poético navegue e percorra todo um dia de ruídos, pausas e estrondos de trovões, até o frenesi entorpecido pelo crepúsculo que prepara o abismo da noite. Para cada uma dessas orações, Olga de Sá teceu um poema, apresentados a seguir para que o leitor possa fiar por si, os fios da sua oração, de diálogo com o Altíssimo e consigo mesmo.

VIGÍLIAS (madrugada)

*Hora de sono profundo.
No mundo ninguém vela,
senão seus mortos queridos.
Hora de ciladas.
O silêncio é fecundo
para os que criam.
Hora de fantasmas, sonhos e sobressaltos.
Os demônios da noite estão soltos.
Os vampiros têm sua hora de sangue.
Aos astros silentes, pendurados no céu,
se atribuem os destinos dos recém-nascidos.
Hora do parto do dia,
no mundo das estrelas.
Os sonhos, peçados de desejos,
aguardam o confronto do real.
Hora do medo, do suor frio,
dos pactos, dos Faustos e das feiticeiras.
Hora aziaga, do poder das trevas.
Hora de exorcismos, de orações fortes,
de trepidação e desafio.
A Deus, essa hora de presságios.*

LAUDES (amanhecer)

*Começa o grande labor do dia.
A noite devolve os bêbados,
as prostitutas, os jornalistas,
os boêmios, os operários,
os vigias, os assaltantes,
os artistas e os poetas,
à luz matutina.
Aurora de tons incandescentes.
Os moribundos entregam a vida,*

de madrugada.
 Os navegantes chegam a seu destino
 ou não, ainda.
 Nos campos, o lavrador semeia o grão.
 Os amantes desatam os abraços.
 Começam o imenso trabalho da terra.
 As crianças reclamam os cuidados.
 Os galos, onde ainda existem,
 cumprem seus apelos à manhã!
 Os gatos esticam seus corpos preguiçosos
 e, lambem, minuciosamente, as patas.
 Os pássaros alimentam e adestram os filhotes.
 A grande faina na terra, nas águas, no ar,
 enche o mundo de gritos, ruídos,
 risos, murmúrios e lágrimas.
 Nessa massa de matéria e vida,
 mergulho minhas mãos
 e as retiro fertilizadas,
 para as primícias do dia.
 Hora da ressurreição, da esculta de Deus.
 No universo desperto, ressoa o cântico das criaturas.
 Jovens caminham na fomalha ardente.
 Os primeiros raios de luz
 afugentam os vampiros,
 sob o sinal da cruz,
 que é a condição humana,
 exposta e desvelada.
 A Deus, o suor da humanidade,
 finalmente acordada.

TERÇA (manhã plena)

A manhã prossegue seu curso.
 Esta hora intermediária
 é uma hora ativa e plena.
 Os que adormeceram tarde
 levantam as cabeças pesadas
 e insones, dos travesseiros suados.
 As estradas da terra, do mar e do ar,
 estão cheias do frenesi das viagens,
 das compras e vendas,
 do trabalho e da ambição humana.
 Moto contínuo,
 interrompido por mortes e doenças.
 Nos hospitais, nas fábricas, nas escolas,
 nas casas, nos bares, nas favelas,
 nos campos, nos escritórios, nos bancos,
 nas empresas, no comércio, no ônibus,
 a agitação para vender, ganhar,

acumular, roubar, receber,
trocar, mudar, competir, brigar,
dar, ajudar, brincar, comer, morrer.
Giram as rodas, soam as buzinas, as mãos labutam.
A Deus, o fruto sazonado desta hora plena.

SEXTA (meio-dia)

Sol a pino. Hora sem sombras,
breve pausa,
pontuada de esperas e encontros.
Hora das cobras se aquecerem ao sol.
Nos campos, entre bóias-frias,
o prêmio da boa água,
da parada sob as árvores.
Nas fábricas, os restaurantes de bandeja
e o intervalo humano, entre maquinismos.
As marmitas de comida fria,
engolida à pressa, até a sirene implacável.
Nas casas, o domínio dos enlatados,
sem o conforto do abençoado encontro,
à mesa posta.
Queixas, gritos, recriminações.
Carinho, amizade, reconciliações.
Nas ruas, o burburinho do trânsito,
a invasão dos uniformes escolares,
que deixam as aulas.
Nas lanchonetes, nos self services
em toda parte, comer e beber.
Para muitos, hora de fome e de fel.
Hora de agonia, pr'a quem não tem comida.
A Deus, a alegria ou a angústia
dessa hora de pausa e calor.

NOA (tarde plena)

Para morrer nesta hora oblíqua,
só com um grito, que ressoa a séculos:
"Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonastes?"
As trevas cobrem o dia claro.
Fel e vinagre nas relações humanas,
E o véu do templo rompido ao meio.
Haverá algum justo sobre a terra?
Tremem eles sobre o estrondo dos trovões?
Inocentes ainda são sacrificados?
Crianças sofrem violência?
A Deus, a agonia e o ultraje,
Nesta hora amarga.

VÉSPERAS (entardecer)

*Hora de sombras e crepúsculo.
Tudo se mistura e se duplica.
Certa melancolia tempera
o fim normal do trabalho diário.
Os animais procuram as tocas.
Os homens procuram a casa.
Nas ruas, o movimento flui
em direção ao merecido repouso.
Onde há paisagem, ela se tingem
das nuances do dia e da noite.
Cerram-se os grandes portões das fábricas.
Nos trens, espremem-se trabalhadores exaustos.
Os carros lotam as ruas e estradas
e, aos poucos, uma groselha de faróis
espraia-se sobre as avenidas.
A água dos rios satura-se de química.
Os operários comprimem-se nos coletivos.
Hora eleita dos ladrões de carteiras.
A sensualidade reprimida,
nos labores do dia,
ensaia seus primeiros movimentos,
nos empurrões, beliscões, palavrões,
olhares, toques e gestos,
que começam a invadir a noite.
As novelas iluminam as casas,
criam ilusões, povoam o tédio.
Acendem-se as lâmpadas nas igrejas.
O luzeiro vespertino é a natureza em oração.
A Deus, esse lusco-fusco melancólico.*

COMPLETAS (noite)

*Chegou ao fim o labor da terra.
Nas casas, as TVs implantam
seu fosforescente reinado.
Onde ainda existem amizade e amor,
as pessoas se encontram.
Nos mares, nos ares, nas entranhas da terra,
a natureza adormece.
Só o homem, insone vigilante,
acende suas luzes de artifício,
e prolonga a dor e o prazer do dia.
Os operários noturnos, os jogadores,
os comunicadores, os médicos,
os enfermeiros, os assassinos,
nos cinemas, nos teatros, nos hospitais,
nas cadeias, nos bares e cassinos,
prosseguem a faina noturna.*

Os doentes, os moribundos,
 os mendigos, os famintos,
 sobrevivem à noite de dor.
 As estrelas da Broadway
 dos shows, dos cabarés,
 ostentam luzes frágeis e provisórias.
 Nos mosteiros, nas igrejas,
 nas mesquitas, nas sinagogas,
 nos ermos das florestas e desertos,
 alguém medita e suplica.
 Morcegos e corujas povoam a noite.
 A Deus, o repouso a quem dorme,
 o trabalho noturno dos que labutam.
 À sua misericórdia, a brevidade da vida!
 À sua bondade,
 tudo quanto os mil abismos da noite
 encobrem de sórdido, de vil, de miséria,
 de podridão, sob as lajes,
 de fraudes, no universo.
 “De profundis, miserere mei, Deus”.
 Nesta hora incerta,
 que minha pobre oração,
 inserida de húmus
 dessa imensa urdidura de morte e vida,
 cheguei até o íntimo de mim,
 e ao mais íntimo ainda,
 que és Tu mesmo.
 Que ela alcance os insones,
 os solitários, os moribundos,
 os viajantes, os prisioneiros,
 os sem abrigo, os violentados,
 os torturados, os traidores,
 os humilhados, enfim
 os homens, meus irmãos.
 “De profundis, miserere mei, Deus”.
 Dos abismos profundos, misericórdia.

A leitura de Coisas Caladas e de Paisagens da Vida enseja outros mergulhos profundos na poesia mística de Olga de Sá. Mais do que uma liturgia poética, a poesia de Olga de Sá deveria constar no breviário dos religiosos das mais distintas congregações, para ser lida e meditada, para acompanhá-los na travessia da “noite escura da alma” ou, quiçá, inspirá-los a tecer outras poéticas litúrgicas com os fios lógicos e os fios expressivos de outros olhares.

A liturgia poética de Olga de Sá, também destina-se aos homens e mulheres do nosso tempo, “como a mão estendida” a acolher cada um de nós e, verso a verso, ajudar-nos a contemplar, a con-

siderar, a respeitar e a admirar as coisas do alto e as coisas da terra, a nossa luz e a nossa escuridão, o nosso caminho e os atalhos que, equivocadamente, trilhamos em busca de nós mesmos e do Altíssimo.

Como poeta que sou e discípula dessa mestra soberana que iluminou meu caminho com a luz de sua existência e com a sua poesia mística, o poema RASTROS (FARIA: 2015, p. 90), minha gratidão e amor.

*O amor deixa rastros
Impossíveis
de apagar.*

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, Adauto et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FARIA, Juraci de. **Memorial do Monastério**. Lorena: Editora Casa, 2015.

SÁ, Olga de. **Coisas Caladas**. Lorena: Centro Cultural Teresa D'Ávila, 2005.

SÁ, Olga de. **Paisagens da Vida**. Lorena: Gráfica Editora Universitária Teresa D'Ávila, 2019.

***POEMAS DE
OLGA DE SÁ***

SÁ, Olga de. Coisas caladas. Lorena, SP: CCTA, 2004. 148 p.



Fazenda Pau d'álho

Dádiva

Manhã depois da chuva.

*Recorte de verde,
alto-relevo de vermelho e roxo,
no topo das árvores.*

Manhã de sol frio.

*Neste mês de mormaço,
sob o rendado das nuvens,
o chiado estridente das cigarras,
que estouram sobre o chão regado,
pela chuva da noite.*

*Aqui, deste minarete,
a vida é um limite.*

A solidão, uma dádiva.



A Persistência da Memória
Artista: Salvador Dalí
Localização: The Museum of Modern Art (desde 1934)
Período: Surrealismo
Materiais: Tinta a óleo, Bronze
Criação: 1931
Gênero: Alegoria
Dimensões: 24 cm x 33 cm

Rotina

*Fragmentos de mim,
em carne viva,
na rotina accidental do dia.*

*O seco ardor
da substância
esfria e aquece
a existência.*

*No provisório,
procura inútil
do permanente.
No limitado,
busca incessante
da infinitude.*

*E esta fome!
E esta sede!*



Sala de visita Hotel Fazenda Boa Vista

Excesso

*Juntei tanta coisa a vida inteira,
que agora é difícil me livrar.
Quantos vestidos, quantos sapatos,
quanta mala pra leiloar.
A morte é nua, não tem gavetas,
que a gente possa suplementar.
Joguemos fora o peso-excesso,
para o navio não afundar.*



Fazenda dos Coqueiros

Memória

*Eu me lembro de paisagens invisíveis,
de coisas passadas não vividas,
de lembranças indelévels esquecidas,*

memória imemorial de dias idos,
perdidos na contagem irrisória
de calendários datados cotidianos,
marcados de eventos em vermelho,
vazios de poesia e liberdade.
Eu me lembro de mim como promessa,
no labirinto de sonhos e desejos,
perdida a fala, repetindo o realejo,
a sorte paga a dez míseros centavos,
tal qual a voz do corvo de Alan Poe:
Nunca mais! Nunca mais! Never more!

SÁ, Olga de. A saga do Rio Paraíba. In: Arte e Cultura no Vale do Paraíba: Literatura. Lorena, CCTA, 1998. p. 144-146.

“... Neste fluir incessante
artéria de água da vida —
levo o sangue da raça,
na largueza das senzalas,
no lamento das canções.
Restauração, Pau d’Alho, Amarela,
Três Barras, Boa Vista, Cachoeira,
Bela Aurora, Fortaleza, Gramado,
Bela Aliança, Palmeiras, Resgate,
Vargem Grande, Maristela, Sertão...”

“Nos casarões, nas várzeas, nos clarões da mata,
nos batéis, nas senzalas, nos salões das sinhás,
lambris, faianças e lustres brilhantes,
cristais e louças de antigamente,
Mulheres e homens inesquecíveis,
gravados na minha memória de água,
tempo de rio, rio do tempo.
A Condessa de Haritoff,
a Baronesa de Bela Vista.
a matriarca de Bananal,
Maria Joaquina Sampaio de Almeida.
Domiciana Maria de Almeida Valim,
Senhoras de terras, de homens e casas,
“Resgate”, entre elas, a mais poderosa.
Eufrásia Teixeira Leite,
dona de escravos, de amores liberta,
da Casa da Hera, patrona e princesa,
orgulho do Vale no chão de Vassouras...”